



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

CAMILA MOREIRA DE VASCONCELOS

**Dinâmicas sociais e políticas na Literatura Angolana Contemporânea:
Uma leitura de *Predadores*, de Pepetela**

São Carlos SP – 2023

CAMILA MOREIRA DE VASCONCELOS

**Dinâmicas sociais e políticas na Literatura Angolana Contemporânea:
Uma leitura de *Predadores*, de Pepetela**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Letras (Português-Inglês)
da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar,
para obtenção do título de Licenciado em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Daniel Laks**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Letras
Curso de Licenciatura em Letras (Português-Inglês)

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do candidato Camila Moreira de Vasconcelos, realizada em

//2023:

Prof. Dr. Daniel Marinho Laks (UFSCar) – Orientador

Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCar) – Arguidor Titular

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Daniel Laks pela paciência e incentivo à minha escrita.

À banca examinadora, pela leitura atenta e minuciosa e pela dedicação e atenção a este trabalho.

À minha mãe Ester, pela dedicação a mim, pelo trabalho árduo, incentivo e investimento na minha educação.

Ao meu companheiro Steven e aos meus sogro e sogra, Tammy e Paul, pelo apoio emocional e acolhimento em todos os meus momentos de dificuldade e por acreditarem na minha capacidade em realizar tudo o que desejo.

Ao meu amigo Indiomar, por todas as conversas e momentos de descontração necessários para realização deste trabalho, e por passar parte do seu Natal na estação de trem de Chicago em meio a uma tempestade de neve para que pudéssemos passar o feriado juntos em um ano tão desafiador e cheio de mudanças que foi 2022.

E a todos aqueles que de certa forma fizeram parte direta ou indiretamente da minha jornada até aqui. Um ciclo se encerra.

Gratidão!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o romance *Predadores* (2005), do escritor angolano Pepetela, através dos pressupostos teóricos do pós-colonialismo e sob o eixo temático da ascensão da burguesia em Angola no pós-independência. Portanto, pretende-se aqui refletir, por meio da análise da personagem Vladimiro Caposso, a subversão dos valores anticoloniais pela burguesia nacionalista que após a independência ocupa os espaços de poder antes sob controle do sistema colonial e encarna o papel do colonizador na sociedade Angolana.

Palavras-chave: Ficção angolana contemporânea; Colonialismo; Pós-Independência; Pós-colonialismo; Pepetela, Vladimiro Caposso

ABSTRACT

This work aims to analyze the novel *Predadores* (2005), by the Angolan writer Pepetela, through the theoretical assumptions of post-colonialism and under the thematic axis of the rise of the bourgeoisie in post-independence Angola. Therefore, it is intended here to reflect, through the analysis of the character Vladimiro Caposso, the subversion of anti-colonial values by the nationalist bourgeoisie that after independence occupies the spaces of power formerly under the control of the colonial system and embodies the role of the colonizer in Angolan society.

Keywords: Contemporary Angolan fiction; Colonialism; Post-Independence; Post-colonialism; Pepetela, Vladimiro Caposso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
O COLONIALISMO E O PÓS-COLONIAL	15
DINÂMICAS SOCIAIS E POLÍTICAS EM <i>PREDADORES</i> : A TRAJETÓRIA DE VLADIMIRO CAPOSSO, DE EXPLORADO A EXPLORADOR	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as dinâmicas sociais e políticas em Angola representadas no romance *Predadores* (2005), do escritor Pepetela, através dos pressupostos teóricos do pós-colonialismo. O trabalho busca ainda caracterizar a sociedade angolana como uma sociedade pós-colonial por meio da compreensão da sua especificidade dentro do espectro da teoria crítica pós-colonial. Através da análise do protagonista Vladimiro Caposso, o trabalho busca compreender a ascensão do ex colonizado que subvertendo os valores anticoloniais basilares no processo de descolonização de Angola para inserir-se nas estruturas de poder, tornando-se parte da oligarquia angolana.

Busco aqui ainda usar a escrita do meu trabalho como um meio de abrir espaço para se compreender o contexto das sociedades africanas de língua portuguesa por meio de suas literaturas, que, no meu entendimento compartilham conjunturas de poder muito semelhante no que diz respeito à construção do seus Estados pós-independência e pós-escravidão, o que fica muito evidente para o leitor de *Predadores*. Como sagazmente observa por Marco Castilho em sua tese de doutorado sobre a construção da utopia e distopia na obra pepeteliana:

Aqui, como em Angola, temos uma elite que obsta qualquer projeto de desenvolvimento nacional autônomo e com a qual foi preciso pactuar na tentativa de tornar este projeto minimamente executável. As semelhanças entre as elites angolanas e brasileiras são tamanhas que uma comparação entre Vladimiro Caposso, protagonista de *Predadores*, e Eike Batista, reconhecido empresário brasileiro, poderia ser estabelecida: ambos desenvolveram seus negócios às custas de relações escusas realizadas no âmbito do Estado, em nome de seus privilégios. Ambos tiveram filhos que causaram mortes em acidentes de trânsito e se valeram de suas influências para livrarem seus descendentes de responderem à justiça. Em ambos os países, significa que o ser rico reveste-se de uma aura sacralizadora que isenta o sujeito rico da norma, ao mesmo tempo em que opera uma estrutura de violência que assegura o seu privilégio, mas também a injustiça. (CASTILHO, 218, p. 14)

Tal semelhança traz à tona diversas questões sobre a formação do Brasil que poderiam ser trabalhadas em contraste às sociedades africanas de língua portuguesa, como por exemplo a possibilidade de pensarmos a formação social do Brasil também à luz dos estudos pós-coloniais.

Esta problemática motivou a escolha da literatura angolana para a escrita do meu trabalho de conclusão de curso justamente devido ao fato de que o tema

permite-nos questionar as teorias homogeneizantes para compreendermos as sociedades e culturas não ocidentais e sua produção literária. As literaturas africanas, aqui de língua portuguesa, nos possibilitam questionar os discursos hegemônicos sobre os países de terceiro mundo, já que *Predadores*, enquanto prefiguração do ato da performance da história angolana, tem o potencial de questionar a legitimidade dos discursos da produção intelectual Ocidental que, segundo Spivak (2014), é de muitas maneiras cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente. Ainda, como assinala Inocência Mata:

Após um período em que a literatura angolana cumpriu, com eficácia, uma função extratextual, como subsidiária do discurso nacionalista, poderia pensar-se que hoje, quase trinta anos depois da independência, a literatura já não se pensa com essa função textual, isto é, na relação entre o sistema literário e o cultural, o emissor e o receptor (Aguiar e Silva, 1983: 563). Porém, é minha convicção de que, numa sociedade - como a angolana - recém-saída do jugo colonial é marcada pela precariedade de (auto-)reflexão e de instituições que a possam impulsionar (academias, associações profissionais que funcionem sem constrangimentos, agremiações, fóruns regulares), a imagem do país continua a construir-se ainda com o subsídio da literatura, e esta continua a desempenhar um papel que vai além da sua significação estética e simbólica. (MATA, 1993, p. 15)

Ainda acredito que uma vez que “a encenação do mundo em representação – sua cena da escrita, sua *Darstellung* – dissimula a escolha e a necessidade de ‘heróis’, procuradores paternos e agentes de poder – *Vertretung*.” (SPIVAK, 2014, p.54), a literatura pós-colonial possui papel fundamental na afirmação da diferença dos sujeitos não ocidentais (sujeitos múltiplos e de diferentes realidades e não ocidentais à sua maneira e contexto histórico, social e cultural) através da abertura de diálogo que não se concretiza para o subalterno no discurso da historiografia dominante.

Predadores é o décimo sexto dos vinte e seis romances escritos por Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, um dos maiores romancistas angolanos e escritor de língua portuguesa do mundo, sendo o primeiro angolano vencedor do Prêmio Camões em 1997, e vencedor também do Prêmio Nacional de Cultura e Artes, distinto por sua habilidade em combinar elementos pessoais e políticos dentro do contexto histórico angolano. Em 2020, foi vencedor do Prêmio Literário Casino da Póvoa do Correntes d’Escritas 2020 com o romance *Sua Excelência, de Corpo Presente*.

Mais conhecido pelo pseudônimo de Pepetela, nasceu em Benguela em 1941. Em 1958, mudou-se para Lisboa, em Portugal, onde cursou o Instituto Superior Técnico, ano em que iniciou a vida política e atividade literária. Em 1962 deixa Portugal e muda-se para a França, passando seis meses em Paris, mudando-se para a Argélia para estudar Sociologia.

Após graduar-se, regressa à Angola e faz parte da construção do Grupo de Estudos Angolanos da União dos Escritores Angolanos, além de militar no Movimento Pela Libertação de Angola, o MPLA, do qual fez parte na luta armada pela independência do país, entre 1969 e 1974, período em que adota o codinome Pepetela, *Pestana* em Kimbundu, segunda língua Bantu mais falada em Angola.

Foi diretor do Departamento de Educação e Cultura e do Departamento de Orientação Política e membro do Estado Maior da Frente Centro, e de 1975 a 1982, foi vice-ministro da Educação. Atualmente, leciona Sociologia na Universidade Agostinho Neto, em Luanda.

Predadores (2005) revela a uma sociedade marcada pela precariedade, desigualdade social, instabilidade política e enfraquecimento econômico, problemas sociais característicos de uma nação recém liberta do colonialismo, que experiencia o conflito da coexistência da cultura local e a cultura do colonizador, combinado aos paradigmas que se apresentam face a um novo sistema político, suas transformações e conjuntura política ao longo das décadas subsequentes ao processo de descolonização. Isto é, uma nação independente, mas um Estado em profunda crise.

A crítica sociopolítica, o colonialismo, a descolonização, a guerra, o passado utópico e o presente desencantado são temas presentes em *Predadores*, escrito em 2004. *Predadores* é sobretudo, segundo o autor:

(...) a tentativa de um retrato de uma parte da sociedade angolana. Particularmente, da emergência de uma nova burguesia muito rica e muito inculta que começa a dominar o país... O protagonista é Vladimiro Caposso (VC ou Vitória Certa). É alguém que vai subindo pelo aparelho de Estado, vai enriquecendo, torna-se um empresário de sucesso que é, depois, engolido pelos estrangeiros. Um caso paradigmático. (Correntes d'Escritas, 2008).¹

Apesar de ter como foco a ascensão de uma elite financeira angolana em Luanda entre os anos 1975 e 2002, em *Predadores* Pepetela não deixa de lado o

¹Disponível em: <https://www.cm-pvarzim.pt/territorio/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/correntes-d-escritas/correntes-d-escritas-2008/entrevistas-aos-escritores/entrevista-a-pepetela/>

multiperspectivismo ao representar também as classes populares e subalternas, colocando o leitor em contato com o contexto histórico e político no qual as identidades africanas de língua portuguesa são criadas e recriadas: “Há um equilíbrio social que se inscreve numa matriz profunda – através de personagens humildes e crentes nos seus ideais, Pepetela vai escrevendo Áfricas e mundos, pelos seus percursos vivenciais.” (RIBEIRO, 2009, p. 153).

O governo corrupto e a submissão econômica de Angola aos interesses do capital estrangeiro são fortemente criticados por um narrador que desaprova os rumos do MPLA na gestão do país e que, apesar de onisciente, dialoga com o leitor através de comentários irônicos sugerindo sua participação na narrativa enquanto uma das personagens, personagens estas que performam a história angolana e, através da narrativa, se constroem e reconstroem como sujeitos desta nação.

A incisiva crítica social estabelecida no discurso narrativo aparece através de uma voz que narra com certo distanciamento e que não aparece na obra como personagem, mas que ao mesmo tempo está inscrita na narrativa na forma de participante dela é, segundo Sousa Dias, um recurso que amplia a representação artística dos sujeitos apagados socialmente do discurso literário e histórico. (SOUSA DIAS, 2019, p. 82). Este jogo discursivo se relaciona ainda com o papel de Pepetela Enquanto produtor de conhecimento e crítico da sociedade angolana:

A obra romanesca Pepeteliana desperta questões que se expandem ao seu discurso ensaístico - daí a apetência e a pertinência de constantes cortejos e confronto com ensaios e entrevistas do escritor que, consciente do seu papel numa sociedade em que a escrita ainda confere poder ao seu detentor, faz da sua obra literária uma instância incontornável do seu processo autoral, portanto num lugar por que passa o exercício da sua cidadania: afinal, Pepetela é um romancista que assume a sua “consciência sociológica”, ao afirmar que escolheu Sociologia para ser escritor e que estuda a sociedade angolana para escrever (2002a: DN, 10). Esta consideração revela preocupação cívica, partilhada por outros escritores africanos, sobre o seu lugar na sociedade: o tunisino Albert Memmi chega a afirmar que o “papel do escritor colonizado é por demais difícil de sustentar, encarna todas as ambiguidades, todas as impossibilidades do colonizado, levadas a grau extremo” (MEMMI APUD MATA, 1993, p. 16)

Isso nos leva a pensar a narrativa do romance também enquanto *narrativização* da história angolana, conceito criado por Hayden White para pensar as relações entre história e ficção. Como explica Inocência Mata:

Esta diferença - entre discurso que narra e discurso que narrativa, que pode parecer especiosa, Hayden White explicita-a da seguinte forma: aquele (o da narração) busca fazer o mundo falar por si próprio através de uma história; este (o da narrativização) adota uma perspectiva para olhar o mundo e, através dela, o relata. Dessa ambivalente condição discursiva pode resultar uma fusão - um produtivo baralhamento - da consciência mítica com a histórica, embora os processos de urdidura tropológica que as estimula possam ser diversos. (MATA, 1993, p. 146)

De acordo com Ahluwalia (2001) se por um lado a teoria pós-colonial tem se desdobrado sob as questões do nacionalismo e da resistência colonial que pavimentaram o caminho para a independência das novas nações africanas, por outro não se atentou devidamente às questões relativas aos novos Estados. A crítica de Ahluwalia problematiza a preocupação excessiva dos estudos culturais e da esquerda com questões puramente culturais após a crise do marxismo, sem atentar-se às problemáticas relativas ao desenvolvimento dos Estados emergidos dessas recém nações. Ele aponta com a teoria pós-colonial demonstra certo esquecimento pelo trabalho dos marxistas, sobretudo os marxistas da Teoria da Dependência² que se debruçaram justamente sobre as questões relativas a estes novos Estados subdesenvolvidos:

Although the relationship between culture and the state is explored implicitly in post-colonial studies through the trope of resistance and anti-colonial nationalism, it is nevertheless, important for post-colonial theory to take heed of the criticisms levelled at cultural studies and to begin to identify and establish this relationship explicitly. (AHLUWALIA, 2001, p. 53)

Parece-me que o projeto de Pepetela em *Predadores* é justamente explicitar as relações entre cultura, gestão política e desenvolvimento econômico, o fazendo criticamente. A história de Angola como objeto de ficcionalização em *Predadores* produz discursos e significações sobre o que foi e o que se tornou Angola, mas dessa vez através de uma posição que leva em consideração o que, para Ahluwalia foi deixado de lado pelos estudos culturais.

Ainda, segundo Mariana Sousa Dias:

Em um contexto contemporâneo de produção e de recepção, entendemos como preponderante a análise do modo como os escritores angolanos se posicionaram no pós independência diante da construção de uma sociedade

²A teoria da dependência é uma formulação teórica feita a partir da leitura crítica e marxista não-dogmática dos processos de reprodução do subdesenvolvimento na periferia do capitalismo mundial desenvolvida por Ruy Mauro Marini, André Gunder Frank, Theotonio dos Santos, Vania Bambirra, Orlando Caputo, Roberto Pizarro e entre outros autores.

em que a colonização foi tão marcante e que, agora, se depara com um processo de mundialização da economia capitalista e da política neoliberal. Apesar das críticas ao socialismo implementado em Angola, nota-se, também, que muitas eram as condicionantes que indicavam tal via como a única saída possível, destacando-se a verve revolucionária e o auge da percepção da União Soviética, da China e especialmente de Cuba como modelo a ser seguido. (SOUZA DIAS, 2019, p. 162 - 163)

É nesse sentido que acredito pertinente considerarmos *predadores* como *narrativização* da história de Angola, uma vez que o discurso literário não é parcial e nem pretende sê-lo. O contrário acontece em *Predadores*, já que o posicionamento crítico acerca da história de Angola é o ponto central da obra:

É essa quase inevitabilidade que tenho tentado demonstrar, sob pressão da angustiante pergunta de Hayden White: “Could we ever narrativize without moralizing?” (White, 1992b: 25). Por isso, existe uma grande consensualidade entre historiadores e meta-historiadores, por um lado, e romancistas e críticos literários, por outro, quanto à ideia da complementaridade entre os dois ofícios, no que respeita à actividade de narrar e de narrativizar o passado. (MATA, 1993, p.146;147)

Acredito, entretanto, que esse olhar crítico não deixe de ser uma postura ainda pós-colonial e que conta com a contribuição dos estudos culturais, apesar da limitação assinalada por Ahluwalia. E aqui gostaria de sugerir o pós-colonial partindo da reflexão de Stuart Hall sobre o termo:

Afinal não estamos todos de formas distintivas e através de espaços conceituais diferentes (do qual o pós-colonial é um), buscando desesperadamente compreender o que significa fazer uma escolha política ética e se posicionar em um campo político necessariamente aberto e contingente? Ou entender que tipo de política resulta disso? (HALL, 2003, p. 105)

É levando em consideração esse modo de posicionar-se criticamente que escolhi esta obra como um meio de estudar as problemáticas pós-coloniais que permeiam não só a sociedade angolana e sua produção literária contemporânea, mas tantas outras sociedades não ocidentais. Paralelamente à análise das dinâmicas sociais e políticas de Angola através de *Predadores* (2005), se abre espaço para compreender a complexidade das sociedades periféricas, de Terceiro Mundo, ainda que a experiência angolana tenha suas características próprias de ordem histórica e cultural.

No primeiro capítulo apresentarei o referencial crítico discutindo o conceito de pós-colonialismo/pós-colonial em diálogo com *Predadores* (2005) e a sociedade angolana.

No segundo capítulo analiso a trajetória do protagonista Vladimiro Caposso, que passa de ex colonizado a novo burguês, infiltrando-se no movimento de libertação e distorcendo os valores anticoloniais para se inserir no poder público para beneficiar a si mesmo enquanto um capitalista.

O COLONIALISMO E O PÓS-COLONIAL

Boaventura Souza Santos (2010), define o conceito de pós-colonialismo em mais de uma acepção. Uma, temporal, referente ao período histórico posterior à descolonização “o que sucede à independência das colônias” (SOUZA SANTOS, 2010, p. 233) e outra teórica, referente aos conjuntos de práticas performáticas e discursivas que pretendem reescrever a narrativa do colonizador sobre a história e cultura através da perspectiva do colonizado, a qual contém uma “crítica aos silêncios das análises que a primeira acepção normalmente contém.” (SOUZA SANTOS, 2010, p. 234).

Enquanto a primeira traduz-se num “conjunto de análises econômicas, sociológicas e políticas sobre a construção de novos Estados, sua base social, sua institucionalidade e a sua inserção no sistema mundial [...]”, a segunda “tem um recorte culturalista, insere-se nos estudos culturais, linguísticos e literários e usa privilegiadamente a exegese textual para analisar os sistemas de representação e processos identitários.” (SOUZA SANTOS, 2010, p. 234).

Ou autor sintetiza ainda as orientações temáticas e analíticas da teoria crítica pós-colonialista, mobilizando críticos pós-coloniais como Spivak, Bhabha, Hall, Chatterjee e McLeod. São esses eixos temáticos:

1. O papel do intelectual pós-colonial, que consiste na superação da distinção entre crítica e política, na qual o lugar do crítico deve ser construído de modo que possa interromper os discursos hegemônicos ocidentais, reclamando sua voz usurpada pelos críticos ocidentais e contribuindo para a destruição da subalternidade do colonizado.

2. A problemática da hibridização dos regimes identitários, que discute a ambivalência e hibridez entre as categorias de diferença engendradas pelo sistema colonial, identificando sua relação de interdependência e dinamismo e desconstruindo a polaridade que o discurso colonial inventou sobre essas categorias.

3. A distinção entre diferença cultural e multiculturalismo, que busca reconstruir as identidades culturais partindo da margem para o centro, e problematizando as abordagens multiculturais na sua falha no combate ao racismo.

4. O tema das migrações e diásporas, bem como as problemáticas que trazem para o campo das identidades culturais e processos de representação e sua relação com o nacionalismo e conflitos sociais de determinados grupos étnicos.

5. O eixo do nacionalismo que aborda a ambivalência do nacionalismo como estratégia de combate ao colonialismo, uma vez que “o nacionalismo como história de libertação e de progresso é o mesmo que conduziu a regimes mais opressivos e irracionais” (CHATTERJEE, 1986, p. 2 apud SOUZA SANTOS, 2010. p. 238).

Ao mesmo tempo que o projeto de nação e a reivindicação de um Estado independente da colônia foi importante para a libertação do regime colonial, o nacionalismo mostrou-se insuficiente para superação do colonialismo pela tendência à substituição do poder da burguesia europeia pela burguesia local, que após a independência serviu para a expansão do capitalismo em sua dimensão global por atender aos interesses econômicos dos países centrais na forma como geriu as ex-colônias, tema explorado por Fanon, em *Os Condenados da Terra* (1961), referencial crítico ao qual estabeleço um diálogo com *Predadores* (2005).

Para Stuart Hall, o conceito de pós-colonialismo é uma mudança de postura política a respeito do colonialismo revelando como os processos de colonização e descolonização afetaram intensamente, ainda que de formas diferentes, ambas as sociedades colonizadas e colonizadoras. O conceito se torna pertinente à medida que subverte o binarismo colonizador/colonizado, e contribui justamente para o entendimento de que a colonização esteve profundamente inscrita nesses dois tipos de sociedades, ainda de que formas diferentes.

Além disso, Hall explica que o conceito ressignifica o binarismo estratégico utilizado pela luta anticolonial, compreendendo esses binarismos como forma de transculturação e tradução cultural que desafiam o binarismo colonial, uma vez que a narrativa anticolonial busca traduzir suas experiências a partir de um ponto em comum entre os diferentes povos, sociedades, culturas, etc. que foram, e continuam sendo, afetados pelo colonialismo, algo que é traduzido em uma experiência diaspórica e transcultural.

É precisamente essa "dupla inscrição" que rompe com as demarcações claras que separam o dentro/fora do sistema colonial, sobre as quais as histórias do imperialismo floresceram por tanto tempo — que o conceito de "pós-colonial" traz à tona. (HALL, 2003, p. 109).

Desse modo, o *pós-colonial* não é estático e não se prende a um determinado tempo histórico, sociedade ou época, visto que diferentes sociedades são pós-coloniais a sua maneira:

A Grã-Bretanha e "pós-colonial" no mesmo sentido em que são os Estados Unidos? E conveniente considerar os Estados Unidos uma nação "pós-colonial"? Deveria o termo ser aplicado igualmente a Austrália, um país de colonização branca, e a Índia? A Grã-Bretanha e o Canadá, a Nigéria e a Jamaica seriam todos "igualmente pós-coloniais", tal como Shohat questiona em seu artigo? Os argelinos que vivem em seu país e os que vivem na França, os Franceses e os colonos pied-noir, seriam todos eles "pós-coloniais"? A América Latina seria "pós-colonial", ainda que suas lutas de independência tenham ocorrido no início do século dezanove — portanto bem antes da recente fase de "descolonização" a qual o termo se refere mais evidentemente — e tenham sido lideradas pelos descendentes dos colonizadores espanhóis que haviam colonizado os "povos nativos"? (HALL, 2003, p. 106)

O *pós-colonial* nesses termos caracteriza-se como uma conjuntura que busca ressignificar o colonialismo a partir da descentralização das narrativas imperiais centradas na nação.

Veremos que *Predadores* corrobora a discussão feita por Boaventura Souza Santos quando o autor problematiza o colonialismo e a persistência de suas dinâmicas nos espaços de língua portuguesa mesmo após a independência.

Segundo o sociólogo, tratando-se de colonialismo, geralmente atribui-se o conceito a um "colonialismo hegemônico", projeto moderno de expansão econômica no seio do desenvolvimento de uma burguesia em ascensão, que ao longo do século XIX, buscou, partir da expansão territorial, consolidar um Estado moderno liberal assentado em processos culturais e sistemas de representação binaristas. (SOUZA SANTOS, 2010, p. 230).

No entanto, o colonialismo português apresenta peculiaridades que o coloca numa posição subalterna em relação aos países desenvolvidos da Europa. A relação multissecular estabelecida com o colonizado anterior à história do colonialismo capitalista e a problemática do país com a sua representação linguística e étnica na escrita da História implicam em uma particularidade do colonialismo português.

A dependência econômica da Inglaterra fez com que o projeto colonial português, conforme se desenvolveu a partir do século XIX, decorresse da pressão

dos britânicos sobre o país. Isto é, a colonização portuguesa foi imposta por condições de crédito e tratados internacionais.

Além disso, o fronteirismo distinto de Portugal devido a sua posição geográfica enquanto nação intermediária entre países centrais e de terceiro mundo e a sua dificuldade em se diferenciar das culturas que colonizou, "hibridizando-se" delas, provocaram uma crise identitária que o tornaram incapaz de colonizar segundo os modos liberais.

Não se caracterizando como um Estado liberal moderno, a experiência colonial portuguesa resultou no excesso de colonialismo por um lado e déficit de capitalismo do outro, resultando ainda na presença das relações coloniais mesmo após a descolonização dos espaços que colonizou. (SOUZA SANTOS, 2010, p. 231-233).

Fanon, (1961) localizado dentro do contexto de insurgência dos movimentos nacionalistas que buscaram a conscientização dos africanos sobre a sua posição subalterna, explica a colonização como uma imposição exercida aos povos africanos através da limitação e ocupação física e militar da colônia, bem como a imposição da limitação subjetiva exercida através da negação de todos os valores do colonizado.

Em seu lúcido manifesto *Os Condenados da Terra*, publicado em 1961, o psiquiatra argelino apropria as categorias marxistas para descrever a dinâmica do colonialismo enquanto um movimento dialético baseado na construção do colono e na destruição do colonizado. "A Europa é, literalmente, a criação do Terceiro Mundo." (FANON, 1961, p. 98), isto é, o projeto modernista europeu foi assentado na aniquilação do colonizado.

Por isso em sua obra Fanon aspirou e encorajou um processo de descolonização violento que apelasse aos mesmos meios pelos quais a colonização foi imposta, invertendo a lógica do colonialismo contra os europeus. A violência é encarnada de forma existencial, afirmando a liberdade que foi negada ao colonizado. Mas seu maior apelo foi voltado aos valores. Devido à profunda aniquilação subjetiva da colonização, para Fanon o maior esforço se concentra, portanto, na conscientização do colonizado para que ocorra o processo de descolonização da sua mente.

Ahluwalia reafirma a máxima de que a colonização ultrapassa os limites físicos, sendo um processo que desumaniza e transforma profundamente a psique do

colonizado, algo desafiador e muito mais complexo do que a expulsão do colonizador do território colonizado, uma vez que persiste após a descolonização:

Although the decolonisation of political institutions which these nations inherited was rapid, critically it was the failure to decolonise the mind that ensured that, 'Africans continued to work on colonial assumptions, making cultural, emotional and intellectual decolonization difficult for the heirs of empire' (Birmingham 1995: 7) (AHLUWALIA, 2001, p. 38)

O pai do protagonista de *Predadores*, José Caposso pai, ou simplesmente Caposso pai, exemplifica muito bem a mentalidade do sujeito colonizado que sente ojeriza pelos costumes pré-coloniais e corrobora o que Fanon e Ahluwalia problematizam a respeito de como os colonizados foram afetados subjetivamente pelo colonialismo:

A mãe tinha sido abandonada pelo marido faz muito, ficou por Calulo. O pai dizia era uma feiticeira desavergonhada, como é que eu, enfermeiro embora sem diploma, de nobre sacerdócio, podia morar com uma feiticeira? (PEPETELA, 2005, p. 44)

Se os valores e práticas culturais que ali existiam antes da colonização eram rechaçadas com o colonialismo, esses mesmos valores e práticas são resgatados e apropriados quando conveniente a favor da burguesia que busca ampliar sua influência para aumentar seu capital, como nos mostra o seguinte trecho de *Predadores* (2005), quando Vladimiro inaugura um novo negócio:

Caposso, de fato e gravata como todos os muatas e muatinhas presentes, empresários incluídos, abriu champanhe para brindar, uma garrafa para cada ministro presente. E todos regaram generosamente o chão do minimercado, hábito aprendido muitos anos atrás com Mobutu, Presidente do Zaire ou Congo, o nome mudando conforme os líderes, que numa recepção oficial tentou ensinar os dirigentes angolanos a respeitarem os espíritos dos antepassados, deitando algumas gotas de champanhe para o chão. Se na época os responsáveis angolanos riram desse costume ridículo, alguns mesmo considerando isso simplesmente bárbaro e feiticista, mais tarde aprenderam a vantagem política de agradar aos tradicionalismos e incorporaram-no nas inaugurações. (PEPETELA, 2005, p. 256)

A questão da mentalidade colonizada discutida aqui pode ser interpretada desde os exemplos citados acima, até o desejo que o colonizado tem de ocupar o local deixado pelo colonizador. Caposso leva ao extremo mentalidade colonial ao ocupar literalmente o que foi deixado pelo colono retornado Amílcar, início

do que almeja e consegue mais tarde: atingir a posição social e o poder que antes era operado pelo colonialismo:

Caposso entrou em casa como proprietário. Pela primeira vez na vida. Todas as casas onde vivera com o pai eram alugadas, nunca lhes pertenceram. Esta sim, era dele, mesmo se a meias, pois ainda era sócio. Entrou muito toldado pelo álcool mas uma ideia fez aclarar subitamente a cabeça. Se sô Amílcar não voltasse, ele era dono de tudo. Sentou num saco de fuba, batendo nele como se de um cavalo se tratasse. O branco não tinha intenção ou esperança de voltar, era evidente. Estava velho, a mulher nem queria mais saber da terra, o que deixavam era pouco para os riscos, sim, o patrão ficava definitivamente pela Metrópole, como os portugueses chamavam. Aquilo tudo era seu: um quarto pequeno, servindo de despensa e sua alcova, um quarto maior servindo de loja, uma casa de banho minúscula agregada à casa, mas à qual só se tinha acesso pelo lado de fora. Não parecia grande coisa, mas para quem não tinha nada era um palácio. E havia mais: sô Amílcar lhe explicara, a casa estava isolada num terreno pequeno mas que também lhe pertencia, tinha registado o terreno adjacente na esperança de um dia poder alargar a loja com os lucros e fazer dela um verdadeiro negócio, sonhos irrealizados. Caposso podia portanto crescer, a parte vaga do terreno era quatro vezes a construída. Tinha de reforçar as marcas limitando a propriedade, pôr aduelas, ripas, chapas, o que fosse, fechar aquilo, mostrar isto tem dono, ninguém trespassa. Um dia podia construir uma verdadeira mansão ali, num bairro que não era nobre mas também não era musseque. Se deixou cair para trás no saco, levantou os braços ao ar, sim senhor, sô Amílcar era um bom branco. (PEPETELA, 2005, p. 54-55)

Fanon foi muito preciso na sua crítica à classe intelectual que posteriormente se tornaria a classe dirigente das novas nações recém descolonizadas. Ele aponta que se por um lado a burguesia europeia em sua fase revolucionária tinha aspirações emancipatórias para toda a humanidade, e, com sua ideologia de aspirações iluministas buscava elevar os menos “civilizados” e “humanos” (aos seus próprios olhos, assumindo a si mesma como padrão de humanidade e civilização), por outro, a burguesia colonizada serve a este “nacionalismo mesquinho” lhe faltando um conteúdo “humanista internacional” crítico, desejando assim encarnar o papel do colonizador após a independência.

A nova burguesia nacional acaba por assimilar o velho pensamento colonial e pretende herdar as vantagens do período colonial usufruídas pelos colonizadores, explorando os trabalhadores rurais e servindo aos interesses do Capital ocidental. (FANON, 1961, p. 157):

Como a burguesia não possui meios materiais nem meios intelectuais suficientes (engenheiros, técnicos), limitará as suas pretensões ao manejo dos escritórios e das casas comerciais ocupadas antes pelos colonos. A burguesia nacional ocupa o lugar da antiga população europeia: médicos, advogados, comerciantes, representantes, agentes gerais, agentes

aduaneiros. Deseja ocupar, pela dignidade do país e da sua própria segurança, todos esses postos. De futuro, exigirá que as grandes companhias estrangeiras recorram a ela, quer para se manterem no país ou penetrarem nele. A burguesia nacional descobre a missão histórica de servir de intermediária. Como se vê, não se trata de uma vocação de transformar a nação, mas, prosaicamente, servir de correia de transmissão a um capitalismo disfarçado e que se cobre agora com a máscara neo-colonialista. A burguesia nacional vai com prazer se, sem complexos e com muita dignidade, com o papel de agente de negócios da burguesia ocidental. (FANON, 1961, p. 157)

A mesma elite intelectual e revolucionária urbana que lutou pela independência, estabelece relações com a burguesia colonial após a colonização e assume seus valores, querendo substituí-la, e desse modo possibilita que a burguesia colonial mantenha seu domínio sobre as nações recém libertas (FANON, 1961, p. 39), o que é o caso do protagonista de *Predadores* (2005), Vladimiro Caposso.

Por mais que Vladimiro não fosse um intelectual, se passa por um e aproveita sua influência dentro do governo para enriquecer com o dinheiro público e se tornar um empresário:

Depois do famigerado congresso, sem se aperceber, começava a procurar pela primeira vez uma coerência entre os princípios que defendia e a sua própria prática. Portanto havia classes e ele não pertencia ao proletariado, nunca pertencera, pois até uma loja tivera. Era um pequeno-burguês e o sonho de um pequeno-burguês é tornar-se um grande burguês, acumular capital, explorar o povo (agora com minúscula) se preciso. O candongueiro não era um seu assalariado, de facto era uma espécie de sócio que fazia o trabalho e guardava uma parte do lucro, portanto também ele pequeno-burguês. A diferença segundo Marx estava na propriedade dos meios de produção. Ele era o dono, o capitalista, dono dos carros. Com dez mini-autocarros, a bem da verdade, não devia ser considerado apenas um pequeno-burguês mas um burguês mesmo. E ainda bem, apreciava. (PEPETELA, 2005, p. 152)

Partindo da discussão de Hall (2003), paralelamente à sua análise exemplar sobre a Guerra do Golfo, a sociedade angolana é extremamente complexa e ambivalente em função da luta inconclusa da descolonização e da crise do Estado pós-independência: as atrocidades cometidas pelo colonialismo português, o seu subdesenvolvimento no qual Portugal está envolvido, as atrocidades cometidas pelos governantes do país contra o seu próprio povo ao se transformarem em formas extremas de autoritarismo e na classe empresarial lobista que possui influência sobre um governo que atende somente aos seus interesses aos interesses do Capital ocidental.

Apesar da independência ter sido declarada em 1975 de forma radical e pelos movimentos nacionalistas, a expulsão dos colonos portugueses do território angolano não veio acompanhada pela emancipação econômica e cultural, o que levou a recém fundada nação ao neocolonialismo.

Do ponto de vista internacional, houve um período de diminuição das tensões da Guerra Fria, devido à realocação dos conflitos entre Estados Unidos e a União Soviética para o território africano em forma de apoio armamentista aos movimentos que possuíam afiliações ideológicas distintas. Os blocos soviético e capitalista aproveitam o cenário para fomentar a guerra civil como meio de expandir suas ideologias no mundo, o que alguns estudiosos caracterizam como “guerra por procuração”.³

A formação de grupos urbanos que contava com uma classe de operários incipiente e de uma burguesia universitária que estudou na Europa deu origem à elite que elaborou o projeto de libertação nacional, mas que acabou deixando de incluir a classe camponesa, classe esta que, segundo Fanon "é a verdadeira fonte do exército nacional e revolucionário [...] conhece a verdadeira opressão, sofreu muito mais que os trabalhadores das cidades e, para não morrer de fome, necessita de derrubar todas as estruturas." (FANON, 1961, p. 8).

Ao mesmo tempo que o projeto de nação e a reivindicação de um Estado independente da metrópole foi importante para a libertação do regime colonial, o nacionalismo mostrou-se problemático pela tendência à substituição do poder da burguesia europeia pela burguesia local, que serve para a expansão do próprio capitalismo em sua dimensão global por atender aos interesses econômicos dos países desenvolvidos na forma como é feita a gestão das ex-colônias.

Conforme a classe de intelectuais e revolucionários urbanos buscavam uma unificação dos povos africanos para a reivindicação da nação, esta unificação implicou na exclusão dos demais grupos étnicos e classes sociais. Como assinala Boaventura Souza Santos:

Por outro lado, movimentos "locais", separatistas ou autonomistas, contestam o projecto do Estado moderno, criticando a sua legitimidade e a sua ideologia modernista, defendendo o direito a identidades étnicas ou religiosas ancestrais, que não encontram espaço de representação no estado-nação reproduzido a partir da matriz ocidental. (SOUZA SANTOS, 2010, p. 238)

³NUNES, Fernando José Matias. **A Guerra Civil Angolana no contexto da Guerra Fria: da Independência à Guerra por Procuração**, 2020.

A personagem Sebastião acaba sendo preso por fazer parte desses grupos separatistas/autonomistas mencionados por Sousa Santos e, apesar de ter sido fiel e engajado militante no movimento pela construção do Estado angolano, aparece mais tarde como representante da classe camponesa que continua a ser explorada mesmo após a descolonização, mas dessa vez pela nova elite nacionalista.

Tal fator resultou em dissidências que impulsionaram a criação de diferentes movimentos de luta nacional devido a conflitos étnicos e ideológicos entre a população. A guerra civil é motivada a princípio pelos interesses dos movimentos nacionalistas em ocuparem regiões estratégicas que serviriam para o estabelecimento de campos de batalhas e, mais tarde, continua pela disputa de poder dentro das instituições políticas pós-independência.

O MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), composto por pela etnia *Bakongo*, foi liderado por Agostinho Neto, tinha filiação marxista e era majoritariamente composto pela classe de intelectuais urbanos, e também por mestiços e assimilados, já que a questão étnica não era prioridade para o movimento. A FNLA (Frente Nacional pela Libertação de Angola), composta por povos *Ovimbundu*, uma linhagem diferente da do grupo *Bakongo*, foi liderado por Holden Roberto, diferente do MPLA, tinha a questão racial como central e se opunha à orientação marxista de seu rival, e aliou-se aos ocidentais. A FNLA, por sua vez, acaba por dar origem a um terceiro movimento, que inicialmente se declara maoísta, a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), liderado por Jonas Savimbi, mas que posteriormente também adota uma posição anticomunista e se alia ao bloco ocidental.⁴

As dinâmicas sociais e políticas de Angola refletem o problema inerente da colonização, da guerra civil (que durou quase cinco décadas, tendo como personagens os próprios movimentos de libertação, posteriormente, partidos que disputam entre si o poder) e da instabilidade política do MPLA juntamente com sua má gestão econômica, fatores que continuam a afetar os angolanos materialmente e subjetivamente. É sobre esse cenário instável e conflituoso que Pepetela escreve *Predadores* (2005) e critica os problemas sociais do país causados pela burguesia,

⁴COLLELO, Thomas. Angolan Insurgency. *In*: COLLELO, Thomas (ed). **Angola: A country study / Federal Research Division, Library of Congress**. Washington, D.C. Federal Research Division Library of Congress 1991. p. 29-35.

ao longo dos vinte capítulos que narram diferentes acontecimentos em diferentes décadas, explorando os eventos ocorridos entre 1974 e 2002.

DINÂMICAS SOCIAIS E POLÍTICAS EM *PREDADORES*: A TRAJETÓRIA DE VLADIMIRO CAPOSSO, DE EXPLORADO A EXPLORADOR

Vladimiro Caposso, nome por ele escolhido e identidade adotada após o regime de partido único estabelecido pela luta anticolonialista, é um homem em movimento em direção à sua contradição. Aparece nas primeiras páginas do romance, em 1992, assassinando sua amante, e aproveita o contexto conturbado das eleições disputadas pelo MPLA e a UNITA para sair ileso do crime, armando uma cena que sugerisse o envolvimento da UNITA na morte de Maria Madalena. Entretanto, o passado de Caposso é bem diferente do que o seu presente nos mostra.

O rapaz nasce na parte rural de Angola e muda-se para a capital, Luanda, onde costumava levar sua vida ao lado do amigo Sebastião. Em 1974, um ano antes da independência, o rapaz mostra-se bastante desinteressado em política, porém seus interesses mudam no ano da Revolução, quando os portugueses são obrigados a deixarem o território angolano devido à descolonização. É então que, ao tornar-se o novo proprietário da vivenda do português para quem trabalhava, por mais que se auto declarasse apolítico, o jovem Caposso contraditoriamente se viu fazendo política naquele fatídico ano de profundas transformações.

Em 1975, ano da Revolução Angolana, José Caposso assume a identidade de Vladimiro Caposso, referência a Vladmir Lênin⁵ e abreviação para Vitória Certa⁶, ambos ajudavam na mentira de Caposso conferindo ao rapaz uma certa legitimidade e admiração quanto ao seu passado revolucionário inexistente, além de claro, do ponto de vista da voz narrativa, estabelecer uma incisiva crítica à figura de José Caposso, ironizando sua condição.

Com a nova identidade, José Caposso consegue finalmente se inserir no MPLA com o intuito de preservar a loja que herda do português, uma vez que o novo regime confiscaria todos os bens sem dono deixados pelos portugueses que deixaram Angola.

Enquanto todo o país estava tomado pelo sentimento nacionalista, comemorando finalmente a descolonização, aguardando pelo discurso de Agostinho Neto declarando a independência na noite de 11 de novembro de 1975, Caposso não

⁵ Revolucionário e político Russo de orientação Marxista e líder do partido Bolchevique durante o governo Socialista instaurado na União Soviética em 1917.

⁶ Lema do Movimento Pela Libertação de Angola, o MPLA.

saiu da loja do português, temendo perdê-la, e nunca vendeu tanto quanto no fatídico dia, já que com toda a gente festejando, sua loja era a única aberta, o que causou julgamento por parte de uns outros, agradecimento por parte de outros.

Enquanto no 11 de Novembro toda a cidade estava parada, estabelecimentos e comércio fechados, comemorando o facto fundador do novo país, ele abriu a loja. E esta decisão foi questionável porque muitos consideraram falta de respeito aquele patrício não acatar o feriado, aquele feriado sagrado. Mas, por outro lado, as pessoas que assim puderam encontrar um sítio onde comprar a fuba e o peixe seco para celebrar os festejos, agradeceram o sacrifício patriótico de trabalhar enquanto os outros dançavam. (PEPETELA, 2005, p. 56)

Mas o fato é que, antes por “sacrifício patriótico”, decidiu mesmo ficar em casa e abrir a loja para proteger a sua mais nova posse, desde sempre demonstrando um carácter bastante egoísta e narcísico, defendendo sempre o que para ele era o mais importante: seus interesses.

Cercou a loja para impedir que fosse tomada pelo Estado, uma vez que o colono havia retornado à Portugal: Dias depois, com as obras concluídas, escreveu nas chapas como muitos outros tinham feito na parede exterior das casas e quintais “« Não encosta ou penetra, propriedade de camarada do MPLA»” (PEPETELA, 2005, p. 56) e a partir de então inicia a tentativa em inserir-se no MPLA.

Sebastião, por outro lado, sempre almejou fazer parte da Fapla (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola), o exército do MPLA, com o objetivo de se engajar politicamente para poder lutar pela independência declarando Angola para os angolanos. Impulsionado pelo ideal revolucionário leninista-marxista, ideologia que fomentava o MPLA, se engaja na militância sindical sempre tentando convencer o amigo José Caposso a juntar-se a ele.

Antes de ver na militância um meio para sobreviver à crise do novo Estado angolano, Caposso queria distância de qualquer assunto que envolvesse política. Mais tarde, quando lhe é conveniente, tenta usar a influência do amigo Sebastião para se tornar um militante, mas Sebastião rompe amizade com Caposso, acusando-o de ter mentalidade pequeno-burguesa por este agora ser um comerciante. É nesse ano de 1978 em que conhece Bebiana, cliente da loja do português, e aos poucos em meio a flertes acabam engatando um namoro escondido do pai da jovem.

Com o retorno dos portugueses a Portugal e o subdesenvolvimento consequente do colonialismo, baixos níveis de educação, a economia de Angola, que passou de comércio externo para monopólio estatal, “precisava de tempo para ser organizada e poucos tinham noção do que isso implicava” (Pepetela, 2005). Devido a estes fatores as esferas infra estrutural, empresarial e industrial foram comprometidas.

O que salvava tudo era haver algum ouro no Tesouro Nacional, com o qual se podia fazer compras no exterior, e o petróleo a ser extraído regularmente em Cabinda pelos americanos, então inimigos. Não havia meios de transporte suficientes para escoar a produção dos agricultores e, sobretudo, tinham desaparecido os intermediários que faziam a ponte entre o campo e a cidade. Muitos negócios como o seu iam fechando, as pessoas tentando descobrir novos rumos. Caposso pela prática foi compreendendo que afinal o trabalho de fubeiro não era tão fácil como lhe parecia à primeira vista e que a sua prosperidade não estava nada assegurada. (PEPETELA, 2005, p. 61)

A escassez de recursos, sobretudo de alimentos, impossibilitou que a vivenda continuasse aberta. Os únicos alimentos que chegavam à Angola eram mandioca e leite em pó. Assim, o fechamento da mesma tornou-se inevitável. Como destaca Marques (2012):

A combinação do início da guerra civil com a fuga dos portugueses afetou diretamente diversos setores da economia. A produção agrícola sofreu no imediato pós independência uma acentuada queda, o que levou a bancarrota grande parte das empresas do setor, sobretudo as pequenas, colapsando todo o sistema de comércio rural. A insegurança nas áreas rurais provocada pela guerra, a partida dos fazendeiros e comerciantes portugueses e o grande deslocamento da população rural para as cidades criaram um cenário desfavorável que o governo, através da criação de empresas agrícolas estatais, não conseguiu reverter, ainda mais porque a aplicação do sistema de fixação de preços de produtos agrícolas acabou favorecendo as importações e os consumidores citadinos, em prejuízo dos produtores. (MARQUES, 2012, p. 59)

Caposso se vê obrigado a encerrar seu pequeno negócio. A corrupção pouco a pouco cria tentáculos dentro do governo, dando origem às relações de clientelismo e patrimonialismo dentro do governo, meios usados por Caposso para inserir-se na política. O rapaz se aproveita da degeneração do Estado africano que acaba por tornar-se um simulacro do Estado colonial (AHLUWALIA, 2001, p. 56) para defender os seus próprios interesses.

Usa sua boa lábia e comovente, porém inverídica, história de vida para pleitear um cargo no Ministério da Educação de Angola, bem como novos documentos que oficializaram sua nova identidade. É então introduzido e recomendado ao diretor

do Ministério por um conhecido que havia contatos no governo e que se compadece pela história do rapaz, decidindo tomá-lo sob sua proteção. Assim, Caposso inicia sua jornada no MPLA, primeiro como ajudante de gabinete e mais tarde tornando-se motorista do diretor.

Mais tarde, se prepara para a chegada da primeira filha com Bebiana, que ainda era muito jovem, o que forçou Caposso a pedir sua mão em casamento. Intimidado por Joaquim Antunes, o pai dela, Caposso inicia a reforma da loja, ampliando os fundos que seria transformado em uma casa para dar melhores condições para sua família. Como o salário de motorista não era suficiente, na busca pelo dinheiro necessário para a construção da casa, o rapaz usa o carro do diretor para trabalhar de taxista clandestino nas horas vagas.

Ele parava e dizia, levo mas tem de pagar qualquer coisa para a gasolina, as pessoas aceitavam, felizes por ao menos não terem de ir a pé distâncias enormes e os motoristas eram uns egoístas, queixavam, nunca paravam para dar boleias, assim ao menos era melhor, mas o camarada tem licença, lhe perguntavam às vezes. Não tinha licença mas eles guardavam mesmo segredo, sempre lhes poupava as caminhadas e em breve arranhou clientes mais ou menos fixos, sobretudo senhoras vindas dos mercados com os cestos carregados de compras, é um sofrimento para a minha coluna ir com tanto peso, mano. (PEPETELA, 2005, p. 73-74)

Entretanto, o trabalho extra de taxista não foi suficiente para que Caposso juntasse o necessário para a loja. A organização então oferece ajuda dando ao rapaz descontos nos materiais de construção, já que o jovem agora fazia parte do MPLA. Uma vez já inserido no movimento, continua a usufruir dos privilégios para ascender socialmente:

A Jota foi a benemérita. Falado o seu caso aos kambas, um teve a ideia de perguntar a um responsável mais elevado e sim, havia possibilidade, a organização fazia requisições à fábrica, havia ordens superiores para as requisições terem prioridade. Já alguns camaradas dirigentes tinham aproveitado para melhorar residências. Se tratando de Caposso, militante irrepreensível e dedicado, a Jota lhe facultaria alguns sacos e até um pedreiro, a preços bonificados. (PEPETELA, 2005. p. 74)

O governo que antes era socialista progressivamente passa a adotar políticas que favoreciam apenas os integrantes do governo. Ao se tornar parte da elite, Vladimiro torna-se um homem corrupto e sem escrúpulos que abusa do poder que tem e, após a chegada do MPLA ao poder, e a sua consolidação em partido, a corrupção se torna cada vez mais rotineira.

Stuart Hall toca em um ponto bastante importante no que diz respeito ao colonialismo: a sua persistência mesmo após a formação dos Estados-nações que sucederam a independência das ex-colônias europeias, o colonialismo em termos de relações transversais e que "não se pode mais mapear completamente sua política, nem a considerar, no momento pós-colonial, idêntica àquela que vigorou durante o mandato britânico." (HALL, 2003, p. 110). No contexto angolano, durante o mandato português. Fica evidente então que a colonização se apresenta em diferentes dinâmicas dependendo da conjuntura.

Devida a fragmentação política-ideológica (e de interesses) do MPLA, em 1977 ocorre então junto ao primeiro congresso⁷, a *Comissão de Inquérito*, "incumbida de investigar o 'fraccionismo'⁸." (MARQUES, 2012, p. 90) que tinha o objetivo de deliberar quais membros do "antigo" MPLA poderiam continuar no "novo" MPLA.

Não foi difícil para Vladimiro se manter na política, já que por ser jovem foi automaticamente enviado para a J, o Comitê Central da Juventude, organização responsável pela agitação e propaganda. Com o tempo é convidado a juntar-se à Direção por sua excelente capacidade organizativa. O cargo na direção da J proporciona a Caposso viagens internacionais para a organização de eventos esportivos que movimentam grandes quantidades de dinheiro, chamando a atenção do jovem predador.

Como as despesas de estadia eram pagas pelo governo que recebia a delegação, as ajudas de custo não eram praticamente gastas em nada de essencial, servindo pois para comprar prendas para a família, aparelhagens de som ou vídeo cada vez mais sofisticadas e até para acumular poupanças numa conta que tinha muito escondidamente aberto num banco de Portugal, por onde muitas vezes tinha de passar para apanhar rotas aéreas levando-o às mais diferentes paragens do mundo. (PEPETELA, 2005, p. 142)

Caposso é promovido à Secretaria do Estado pleiteando o cargo no Gabinete do Intercâmbio e estabelece relações com o gestor de obras do governo. Como a guerra civil assolava o país, Vladimiro sugere a realização de um torneio com a justificativa de melhorar a reputação internacional de Angola, que estava assolada

⁷ 1º Congresso do MPLA no qual o movimento torna-se partido do trabalho, o MPLA-PT.

⁸ Segundo MARQUES (2012) a expressão "fraccionismo" pertencia ao léxico dos Partidos Comunistas da 3ª Internacional, e era atribuída à noção de desalinhamento político dentro de um grupo, organização ou partido.

pela guerra civil, interessado no dinheiro que poderia desviar com as obras de grande porte e a grande movimentação de recursos para sustentar a estrutura do evento, já que com isso poderia desviar o dinheiro público para uma conta oculta em Portugal:

Até que um dia deixou escapar a Caposso que poderia haver uma fonte de rendimentos suplementares interessante se decidissem organizar um torneio internacional, já era tempo de o país se mostrar ao mundo como capaz de realizar eventos de alto gabarito. O Gabinete de Intercâmbio teria uma importante palavra a dizer no assunto e contava com o amigo para insistir na utilidade de se organizar esse torneio internacional, juntando futebol, basquetebol, atletismo e tudo o resto, quanto mais melhor. Essa realização exigiria um investimento razoável por parte do Estado e grande parte desse dinheiro seria obviamente gerido por ele próprio, Faustino. Se o grande kamba quisesse amealhar dinheiro para umas férias com a família nas Ilhas Canárias, já sabia, era só apoiar a ideia. Vladimiro não estava muito interessado em férias mas antes em engordar a conta clandestina em Portugal. Foi um entusiasta da ideia, traçou o plano geral, estabeleceu as metas, foi bater nas portas certas defendendo os lucros políticos da operação, o prestígio para o país por mostrar capacidade de realização apesar de viver situações difíceis, o nome surgindo nos cabeçalhos dos jornais para feitos positivos senão as habituais guerras e calamidades. Convenceu toda a gente, mesmo aqueles que a princípio afirmavam ser mais útil usar essa verba no reforço do desporto escolar e na massificação junto das camadas juvenis de algumas iniciativas esparsas. As autoridades superiores, sedentas de notoriedade além-fronteiras, acabaram por aceitar a ideia. O torneio foi um sucesso, pelo menos de imprensa senão de resultados, o país sendo opiparamente derrotado em todas as modalidades, mas esse não era obviamente o objectivo. Faustino geriu com mestria e dedicação os dinheiros públicos, tendo sido suficientemente generoso para que Caposso pudesse também meter no bolso uma verba importante. A partir de então, os dois compinchas tiveram várias outras iniciativas comuns, sempre para o sagrado incremento do bom nome do país e para engordarem as respectivas contas bancárias, que ninguém trabalha em seco, por muito revolucionário que seja. (PEPETELA, 2005, p. 143)

Em uma de suas viagens internacionais, utiliza o dinheiro desviado para comprar diversos carros usados na Holanda e inicia o seu primeiro “empreendimento”, chamado de “processo”. Caposso locava os carros por um valor fixo para alguns homens trabalharem como taxistas clandestinos. Uma vez que a população lidava com o problema da falta de transporte que refletia a situação precária da economia que afetava as condições de infraestrutura disponíveis (MARQUES, 2012, p. 60) Caposso enriquece às custas da omissão do Estado à necessidade de infraestrutura, do qual ele mesmo agora fazia parte, e faz dessa falta uma oportunidade para si:

Praticamente não havia transportes públicos na cidade e privados ainda menos, um único táxi verde circulava pelas ruas. Se via a todo o tempo pessoas de polegar a apontar a estrada à sua frente, pedindo boleia. (PEPETELA, 2005, p. 73)

Como a esmagadora parte da população não era alfabetizada e sequer estava empregada devido à crise econômica e falta de investimento na educação, muitos homens acabavam adeptos do negócio de Caposso e acabavam trabalhando ilegalmente como motoristas de táxi: “O negócio de candongueiro não era proibido, mas também não estava legalizado, ficando por isso naquele limbo que fazia as pessoas com poder suficiente arriscarem entrar nele, mas não dormirem descansadas.” (PEPETELA, 2005, p. 144). Além disso, a demanda pelo serviço era alta, já que o país sofria com o problema da falta de infraestrutura de transporte, o que contribuiu para o enriquecimento de Vladimiro Caposso.

Na oficialização do MPLA como partido, seu antigo amigo Sebastião é acusado de radicalismo por integrar um comitê dissidente do grupo de ação que “considerava o governo demasiado de direita, desinteressado de fazer uma verdadeira revolução socialista” (PEPETELA, 2005, p. 80). Sebastião percebe como o MPLA há tempos havia se afastado das ideias que sustentaram a libertação nacional e caminhava em direção ao autoritarismo e corrupção, como aponta Pedro Fernandes Chimanda:

Os mecanismos de participação durante o desenrolar da Primeira República até finais da década de 80 como as associações, os movimentos cívicos ou os sindicatos eram inexistentes. Neste processo, o Estado absorveu a sociedade. Sendo a entidade estatal soberana, controladora de todos os processos sociais, no período pós-independência, e considerando que «a soberania se reduz ao princípio da supremacia política»⁷⁰ do próprio Estado, a imagem da sociedade civil angolana era aquela que o discurso oficial do regime manifestava. (CHIMANDA, 2010, p. 41)

Ahluwalia explica que o sistema de partido único foi concebido como necessário para forjar uma identidade nacional que abrangesse a pluralidade étnica existente em África, grupos que se articularam de forma independente para lutar contra a colonização, e que mantivesse, ao mesmo tempo, os interesses políticos, contendo possíveis dissidências políticas que pudessem enfraquecer o movimento de libertação.

Ele desconstrói a ideia, argumentando que o partido único não fez uma coisa nem outra, em vez disso “Rather, they degenerated into extreme forms of authoritarianism designed to perpetuate the incumbent’s rule.” (AHLUWALIA, 2001, p. 56). Assinala ainda que Estado pós-independência nos países africanos manteve essencialmente a mesma característica absolutista e arbitrária do Estado colonial:

The Modernity and the problem of the nation-state colonial state was absolute in its power, and it applied such power at will. The state inherited at independence was no different – it was totalistic in scope and retained the statist economy of the colonial era. (AHLUWALIA, 2001, p. 56)

Sebastião não seria solto até o final da apuração dos crimes políticos durante o Maio de 77⁹. Décadas mais tarde, após ser solto, o rebelde presta a faculdade de direito várias vezes, mas sem êxito, devido às acusações pelas quais foi condenado.

O rapaz usa então da formação em direito para continuar sua luta política se afastando do governo corrupto e combatendo-o em defesa dos interesses das populações tradicionais. Une-se a um amigo que havia conhecido na prisão, Chupengula, agora camarada de militância. Chupengula e sua família haviam fundado a associação DECTRA (Defesa dos Criadores Tradicionais), que tinha como o objetivo discutir os problemas locais causados pela corrupção do governo e lutar pelos direitos da população afetada por esses problemas.

Após saírem da prisão, Chupengula e Sebastião unem-se à população campesina e Sebastião é apresentado por Chupengula como um renomado advogado, chamando para o amigo grande atenção dos camponeses, que agora se viam esperançosos diante do discurso de Chupengula. Viam-se agora obrigados a recorrerem ao sistema judicial estabelecido com a reforma política, pois a luta armada já não era mais a realidade da disputa política em Angola.

As populações do campo, pequenos criadores de gado e agricultores, sofrem então as consequências do cercamento das terras e barragem dos rios transformados em propriedade privada por Caposso para a construção da barragem em sua fazenda. A barragem impedia a irrigação das terras que por falta de água acabam por secar e causavam a desnutrição dos gados, e os gados por sua vez não tinham pasto para se alimentar. Adicionado a desnutrição e desidratação, por terem de desviar-se do seu trajeto habitual, os gados acabavam morrendo ao percorrer os caminhos que levavam dias para completarem.

⁹ Maio de 77 é como ficou conhecida as manifestações em Luanda a favor de Nito Alves, na época ministro da Administração Interna e membro do Comité Central do MPLA. Seus apoiadores, cunhados de “fraccionistas”, foram perseguidos pelo segmento do partido que apoiava Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola.

Com a falta de acesso aos recursos para a sua sobrevivência, a situação de precariedade desses povos se acentua ainda mais.

Poucos dias antes do segundo congresso do MPLA um dos dirigentes do partido promete a Caposso promovê-lo à direção caso o rapaz testemunhasse contra um militante acusando-o de aliado à UNITA. Visando sua ascensão no partido, Vladimiro mente, mas não recebe o “benefício” prometido. Pelo contrário, é ameaçado pelo dirigente em relação à ilegalidade do seu negócio de taxi. Ressente-se com a política e abdica-se do papel de militante e se denomina então empresário. Muda-se para o bairro do Alvalade e aluga a casa que construiu no Marçal para empresas estrangeiras hospedarem técnicos que trabalhavam no país, e mais tarde utiliza o dinheiro que guarda com os outros os negócios para construir um armazém que serviria para abastecimento dos comércios, armazém que funcionava na ilegalidade e na base da propina que pagava a ministros para que o funcionamento continuasse e para que não tivesse que pagar impostos. Nas palavras de Pepetela, “Assim engorda um turbarão”. (PEPETELA, 2005, p. 236).

Mais tarde conhece Kharin, comerciante paquistanês que chega à Angola com a intenção de abrir um negócio de produtos alimentícios na capital do país, do qual Vladimiro se torna sócio. Apesar da desilusão com a política, a inauguração do empreendimento dos dois conta com a presença do Ministro do Comércio, com quem ambos Karin e Caposso a partir de então fariam ao longo dos anos.

[Avançando no tempo, com as devidas desculpas aos leitores mas para economia literária, nesse futuro jantar se iria concretizar a ideia de Karim e Caposso se associarem para abrirem uma grande loja de electrodomésticos na zona nobre da cidade e construir um enorme armazém suplementar na parte norte, capaz de albergar simultaneamente cem contentores de mercadorias, empreendimentos modestos mas em que o ministro do comércio teria a sua quota, compensando o extraordinário empenho na agilização das autorizações e levantamento das dificuldades burocráticas.]
(PEPETELA, 2005, p. 157)

Após desmascarar todas as mentiras do empresário, a família da esposa Bebiana não comparece ao evento. Seu pai, militante socialista assíduo, decepciona-se com o caráter duvidoso e má índole do genro Caposso, sobretudo após a descoberta das traições à Bebiana, as quais a própria fazia vista grossa.

A obra explora o machismo encarnado pela figura do empresário, e que não deixa de estar presente na sociedade angolana da época. Apesar de as ideias

que sustentaram a descolonização fossem revolucionárias, a questão de gênero parece ter sido deixada em segundo plano.

Vladimiro mantinha diversos casos com diferentes mulheres com quem traía Bebianá. Maria Madalena, a amante assassinada, era tida por Caposso como um objeto do qual somente ele poderia dispor da sexualidade, enquanto a ela, quando decidiu relacionar-se com outro, teve a morte como fim:

Caposso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atoador da carreta. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração. Nem souberam porquê morreram, foi pena, a cabra devia sofrer com o medo da morte, para perceber o que lhe acontecia, e perceber também os riscos incorridos ao gozar com ele. (PEPTELA, 2005, p. 03)

Na juventude enquanto militante do partido, envolve-se com a também jovem militante Manuela, que, após declarar estar grávida de Caposso e ser desacreditada pelo rapaz, denúncia-o aos membros da célula do partido, porém a diferença de consequência para ambos escancara o machismo tanto de Caposso como o da própria organização:

Afinal os camaradas ficaram sensibilizados por tal humildade e capacidade imediata de reconhecer os próprios erros, só existente em espíritos de eleição, de militante até então exemplar, como disse o coordenador, comovido, e a pena foi ligeiríssima, uma repreensão verbal, nem sequer registada em acta. Quanto a Manuela, pela sua hipocrisia e mentiras perante a célula, foi sancionada com suspensão por um mês e transferência para outra célula, o que evitaria no futuro os dois terem de se enfrentar e provavelmente agredir, envenenando o ambiente sempre aprazível e amistoso das reuniões dos jotinhas. VC nem perante si próprio reconheceu, no entanto a pena dele foi suavíssima em relação à de Manuela, não somente pelo facto de ela ter sido apanhada em grosseira mentira, mas porque tais indisciplinas eram mais intoleráveis nas mulheres que nos homens, ou a sociedade e o partido não guardavam inegáveis relentos de machismo? (PEPETELA, 2005, p. 135)

Além disso, a misoginia de Caposso é exposta através da forma como se refere às mulheres de forma depreciativa e animalésca, reduzindo-as a mero objeto sexual, ao passo que as diferencia da filha favorita, Mireille, a quem Caposso primeiramente admira e superprotege:

Automutilação, até certo ponto. E uma coisa jurava a si próprio, porra, juro mesmo, nunca mais vou interessar-me a sério por uma gaja, fodo-as umas

vezes mesmo à bruta e largo logo, acabou, não merecem mais, todas umas putas, umas cabronas ordinárias. Menos Mireille, é óbvio, mas Mireille ainda só tinha treze anos, não entrava nessas estatísticas, além de ser sua filha. (PEPETELA, 2005, p. 07)

A admiração a Mireille dura pouco, entretanto. Diferente do pai, que desprezava arte e tem uma relação de recusa e desprezo pelo conhecimento e pela arte, já que seu único valor é o dinheiro, a cultura é a paixão de Mirelli. A moça frequenta museus, lê livros sobre o que logo desilude Caposso que vislumbrava para a filha uma carreira que fosse lucrativa:

O quê? Ela queria estudar essa merda de Arte, que só dá para as pessoas morrerem de fome, em vez de economia? Intuitivamente percebeu em seguida, a filha se afastava dele, pelo menos dos seus centros de interesse, era como um divórcio, pior, mesmo pior. E ficou chocado, fulo, quase sufocando de indignação. No entanto, nada disse. Foi respirando fundo, tentando acalmar, reprimindo reacções rápidas. (PEPETELA, 2005, p. 140)

O machismo exposto na obra corrobora o que Spivak assinala em sua obra *Pode o Subalterno Falar?* que, se por um lado o sujeito colonizado caracteriza-se como um subalternizado, por ter de recorrer aos discursos hegemônicos para falar, por outro “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2014, p. 17), uma vez que além da colonização, na mulher se inscreve também a subalternidade do gênero.

Mireille mantém ainda um namoro às escondidas com Nacib, morador do Catambor, bairro de musseques, o que o pai não aprova pois não acreditava que Nacib estava à altura da filha, moça da elite.

Apesar da situação de precariedade em que a maioria dos cidadãos angolanos sem encontravam, mesmo com o difícil acesso à educação Nacib se gradua em engenharia mecânica, sonho que havia desde de pequeno, mesmo sem muitas condições financeiras. Enquanto terminava a escola, matriculou-se em um curso técnico de mecânica e ainda trabalhava numa oficina, e com a ajuda da família consegue pagar a universidade e posteriormente ganha uma bolsa de estudos para especializar-se em refinaria de petróleo, na universidade de Berkeley, nos Estados Unidos. Nacib retorna à Angola para ficar próximo à família e amigos, além de querer contribuir para seu país enquanto engenheiro. E, apesar do acesso à educação superior, o que poderia proporcioná-lo oportunidades de favorecer-se individualmente, não se utiliza do privilégio para ascender socialmente de forma predatória como

Caposso, “Nacib identifica-se com os subalternizados e retorna para seu círculo.” (Sousa Dias, 213, p. 144).

Outra passagem bastante interessante na obra nos apresenta a personagem Simão Kapiangala, um veterano de guerra que vivia em situação de rua, e que teve papel importante no cessar da guerra civil, e é atropelado por um dos filhos de Caposso, Ivan, a quem o pai usa da influência política e do dinheiro para livrar o filho da punição.

Durante a guerra civil, Simão havia pisado em uma mina e só escapou da morte às custas do amputamento de suas pernas. Mesmo aguardando há mais tempo que outros amputados que conseguiram próteses, ele nunca recebeu a sua, o que o afetou profundamente. Com a precariedade sob a qual ele e diversos outros angolanos viviam, Simão acabou virando mendigo e vivendo de restos de comida e esmolas nas ruas de Luanda.

Simião é representa uma forte crítica ao fim que tiveram os que estiveram na linha de frente por Angola durante a guerra, em nome de uma unificação nacional que prometia melhora nas condições de vida dos angolanos, que só chegou para a nova burguesia do país:

No entanto aparecia alguma senhora mais condoída, lhe passava um pão ou um bolo pela janela do carro, só tenho isso mas disfarça um pouco a fome e ele dizia já dá para apagar o fogo da minha barriga, sim, rastarranha rastavurra porreiraça. Se por acaso vislumbrava um jipe militar nas filas de viaturas, procurava se esconder, mas dá para esconder metade de um corpo de homem no chão de uma rua asfaltada? Muitas vezes os militares não vinham para lhe apanhar, passavam só e ele gritava também eu lutei pelo país, olhem como estou, mas eles faziam adeus, já nem reconheciam o verde daquela farda de camuflado de tão castanha-preta de sujo. (PEPETELA, 2005, p. 105)

A condição de Simão explora ainda o papel da polícia na proteção dos interesses da classe dominante dirigente do mesmo Estado omissos aos problemas dos angolanos. Como assinala Sousa Dias “A condição de silenciamento imposta pelo Estado a Simão Kapiangala e o completo impedimento de seu acesso aos espaços de poder são os elementos que caracterizam sua condição de subalternidade.” (Sousa Dias, 2019, p. 145):

Por vezes alguém lembrava, Luanda deve ser uma cidade bonita, não pode apresentar lixo nas ruas. E vinham polícias militares, apanhavam-no e aos outros mutilados que proliferavam nas ruas da cidade, os levavam como lixo para umas barracas longe do centro, onde davam rações de combate para

comerem durante dois dias e depois os esqueciam para morrerem mais depressa. (PEPETELA, 2005, p. 104)

Ainda segundo Sousa Dias, Simão Kapiangala representa “os efeitos do massacre ideológico daqueles que acreditaram em um futuro sem opressores após a independência, papel anteriormente reservado aos portugueses.” (SOUSA DIAS, 2019, p. 145).

Enquanto isso, os “tubarões” continuam a engordar. Caposso continua sempre a expandir os seus negócios, e não poupando falta de escrúpulo algum, envolvendo-se até com o comércio clandestino de armas de fogo para os países vizinhos que estavam em guerra. O empresário estabelece relações com um general ativo na guerra civil e juntos montam um sistema no qual o general usa do acesso a armas para desviá-las para fazer negócios com Vladimiro, paquistanês Karin e o lobista americano Omar. A guerra apesar de inconveniente não era impedimento para o contrabando. Na verdade, “Para o caso dos diamantes, dadas as contingências da guerra, o empreendimento era bastante rentável e os três sócios retiravam dele alguma satisfação.” (PEPETELA, 2005, p. 172).

Com o sucesso dos negócios, Caposso compra uma fazenda, “Toda a gente deve ter um chão, um pedaço de terra, dizia para a família e amigos.” (PEPETELA, 2005, p. 172), fala que mostra a grande ironia dos ricos que transformam direitos básicos em privilégios próprios. Aproveita as “generosas contribuições” entre ele o governador para que o governo da província Huíla, na qual as terras estavam localizadas, demarcasse em seu nome o terreno no qual ele construiria sua casa de fazenda, que serviria para a ostentação da sua riqueza, e o lago existente no terreno da fazenda seria transformada em uma represa particular de Caposso. Apesar de mais tarde chegar ao conhecimento do magnata que as terras estavam vazias porque servia de passagem para as manadas em transumância, e o lago para abastecimento das populações tradicionais, Vladimiro Caposso ignora o alerta do filho Ivan, que temia o surgimento de um conflito no futuro.

Entretanto, logo a sua reputação pouco a pouco entrava em declínio após a atenção negativa que chamou para si pelo comportamento no teatro durante um concerto de ópera no qual Caposso interrompe a apresentação para atender o telefone. O ocorrido é noticiado pela imprensa, o que chama demasiada atenção para a sua imagem. Os seus aliados dentro do governo decidem afastar-se dele para evitar

qualquer atenção desnecessária que pudesse terminar em investigações de corrupção.

De acordo com Inácio Luiz Guimarães Marques, desde o cessar da guerra civil nos anos noventa, foi prevista a realização periódica de eleições presidenciais e legislativas inaugurando o sistema multipartidário em Angola, o que dali em diante abria espaço para a oposição ao MPLA que dominava o Estado angolano desde a independência. (MARQUES, 2012, p. 89). Consequentemente, os “predadores” dentro do governo já não podiam mais cometer seus crimes de corrupção às claras, já havia passado o tempo do regime de partido único que conferia impunidade ao MPLA e a seus predadores, todo cuidado era pouco, a oposição estava pronta para disputar o poder:

O próprio ministro das Finanças, o qual até tinha estado na inauguração da fazenda, seu amigo de muitos anos, companheiro de mulheres e copos, ele próprio disse com um ar condoído, não posso fazer nada, ficaria mal se pressionasse algum banco para te fazerem um empréstimo, os tempos são outros, bem sabes, todos reclamam transparência nos negócios e bom governo, é a nova moda. (PREDADORES, 2005, p. 203)

Vladimiro passa a não conseguir estabelecer os acordos e politicagens com governo como no passado e a expectativa de que o governo angolano assinasse contratos com a sua construtora, que seria contratada para executar as obras para o desenvolvimento da infraestrutura em Angola (obras essas que seriam superfaturadas para que mais uma vez os predadores se beneficiassem ilegalmente do dinheiro público) não é realizada.

Os negócios de Caposso começam a ruir, começando por Omar, o lobista estadunidense de quem os materiais de construção das obras seriam comprados por um valor também superfaturado com o dinheiro público, e que era investidor principal na Caposso Trade Company, outro negócio de Caposso, no qual Karin também era sócio.

É assim que começa a queda do empresário, sendo engolido por “tubarões” maiores: “O problema de Caposso é que havia tubarões mais gordos ou mais fortes”. (PEPETELA, 2005, p. 237).

Envolver-se com Caposso já não se mostrava estratégico, os tempos mudaram e os tubarões maiores estão a defender os seus interesses, uma vez que Vladimiro mostrava-se mais um problema do que uma oportunidade de “engordar”.

Além da má reputação e conseqüentemente dificuldade para fazer novos negócios, perde não só a ajuda dos políticos, mas os sócios começavam a engoli-lo pouco a pouco.

Vladimiro Caposso já não acumulava como antes e passa a dever até mesmo aos seguranças da fazenda, tendo que vender seus bens para poder pagar salários atrasados aos trabalhadores. Omar e Karin ficam com a maior parte da Caposso Trade Company para o pagamento das dívidas que o empresário havia com eles.

Além disso, o que o filho Ivan temia acabava de acontecer: os camponeses estavam movendo uma ação judicial contra ele devido aos cercamentos e a barragens na região da Huíla, e o jurista responsável pela ação era ninguém menos que Sebastião, o rapaz que no passado tinha sido seu amigo. Dessa vez nenhum governador ou ministro se envolveu para ajudar o empresário, pois os camponeses estavam bem assegurados judicialmente, apoiados pela DECTRA e pela Igreja, podendo ainda recorrer a outras organizações, o que temia Vladimiro, que acaba sendo obrigado a abrir mão das duas coisas, o cercamento e a barragem, que foram ambos destruídos pelos trabalhadores da fazenda, evento assistido por Ivan, que se emociona:

O próprio Ivan, embriagado pelo entusiasmo dos seus assalariados, gritava que nem um desesperado incitando-os ao trabalho. Foi esse êxtase do filho que Vladimiro não apreciou, quando foi informado por José Matias, enviado para a Huíla para ajudar no que fosse necessário. (PREDADORES, 2005, p. 246)

O romance tem como desfecho a queda do predador Caposso, que acaba se recolhendo com a família em sua fazenda que conta agora somente com a casa, sem barragens ou cercamentos, e os seus dólares, que não são poucos, escondidos em contas no exterior, já que agora os seus negócios forleam engolidos por outros predadores.

O título da obra remete-nos àquelas criaturas que caçam e se alimentam de outros seres vivos, destruindo-os violentamente. Assim, a analogia traz à tona a zoomorfização da emergente burguesia angolana, que devora os recursos nacionais por meio de atos ilícitos, incondizentes com os ideais igualitários pregados durante as lutas de libertação. (SOUSA DIAS, 2019, p. 123)

Adiciono à reflexão de Sousa Dias sobre o título da obra, ao pensar a queda do protagonista enquanto demonstração de como a burguesia angolana não

só devora os recursos nacionais, mas devora também uns aos outros se necessário for para estar na posição de poder, como em uma espécie de cadeia alimentar, um ciclo vicioso, no qual a história de Angola se vê afundada desde de o início da guerra civil: movimentos, partidos, classes dirigentes resumindo as instituições políticas e submetendo a sociedade, a população e até uns aos outros aos seus interesses e sede pelo poder, característicos do sistema capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da minha análise do romance *Predadores* (2005), busquei refletir sobre como a escrita de Pepetela traz para o campo da literatura um olhar crítico acerca do projeto de nação, do qual o próprio fez parte durante a sua trajetória enquanto militante político e guerrilheiro pela independência do país.

O olhar crítico do autor permite ao leitor da sua obra, e ao estudioso, questionar o quanto das promessas das utopias anticoloniais realmente se efetivaram. Projeto este que de um lado foi conduzido pela elite intelectual angolana e por outro executado na linha de frente por aqueles que acreditaram que com o fim do colonialismo se atingiria a verdadeira emancipação em relação aos valores e estariam extintas as dinâmicas coloniais no país.

Percebe-se então em *Predadores* (2005) uma evolução da consciência nacionalista e utópica, uma passagem da afirmação da nacionalidade que justificou a longa guerra civil, e da celebração dos novos regimes que se formaram em Angola, para uma fase de distopia, uma vez que com a independência não vieram os direitos civis, nem garantias constitucionais, ou efetivações político-sociais.

O romance estudado neste trabalho abre este espaço para questionar os motivos que levaram a não efetivação dessa utopia, o que nos leva ainda a desconstruir a ideia de nacionalidade e de nação que mostrou não resolver os problemas sociais e a vida das pessoas.

Por outro lado, através de personagens como Simão Kapingala, Kasseke e Nacib, *Predadores* (2005) nos mostra a multiplicidade do cidadão angolano e nos faz refletir o porquê de não terem a si garantidos os direitos prometidos pela independência. A resposta fica clara que o problema está nos privilégios gozados pelos predadores Vladimiro Caposso, seus sócios Karin e Omar, além de todo o governo dirigente do Estado angolano, diretores, ministros, governadores, e todos os outros tubarões que engolem a nação e uns aos outros.

O incômodo pelo engodo neocolonial representado por essa elite predatória acende a seguinte dúvida: como superar essa condição pós-colonial? É possível superá-la? O que é necessário, qual tipo de movimentação e de quais partes, para que essa superação seja possível?

Não busquei no meu trabalho responder estas questões, mas coloco-as aqui na tentativa de refletir sobre o papel de *Predadores* (2005) além da sua

significação estética e simbólica, resgatando aqui novamente as palavras de Inocência Mata que usei na introdução do trabalho ao explicar a minha motivação para a escolha do tema para concluir a graduação em letras.

O contato com uma versão alternativa da história de África e a bagagem que o tema me proporcionou para compreender paralelamente à realidade angolana a realidade da sociedade que faço parte, sobretudo com a leitura de *Os Condenados da Terra* (1961), de Fanon, foi uma leitura que me impactou de forma inesquecível.

Refleti e expus meus entendimentos acerca do colonialismo e do pós-colonialismo em relação à obra estudada através de autores como Boaventura Souza Santos, Stuart Hall e Pal Ahluwalia, identificando Angola como uma sociedade pós-colonial, e com o apoio da crítica de Fanon à burguesia nacional africana, analisei trajetória de Vladimiro Caposso, passando brevemente por personagens que mereceriam toda uma análise reservada a elas, mas acabei optando por fazer um recorte dando foco exclusivo ao protagonista por questões práticas e relacionadas a minha dificuldade com crítica literária e mais afinidade com a teoria.

Além disso, fiz o uso de leituras de outras áreas do conhecimento como história e relações internacionais, referências que aparecem ao longo do trabalho e que ajudam a compreender melhor o contexto complexo da guerra civil angolana na tentativa de contextualizar o leitor do meu trabalho sobre os eventos históricos que foram reconstruídos na narrativa de *Predadores* (2005) através da efabulação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHLUWALIA, Pal. **Politics and Post-colonial Theory: African Inflections**. Simultaneously published in the USA and Canada by Routledge, 2001.
- BOTELHO, Alice Peixoto. **Realismo Afetivo em Predadores**. Caderno Cespuc De Pesquisa. Série Ensaio, V. Ensaio, p. 35-43, 2018. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/criticas/Alice_Peixoto_artigo_predadores.pdf
- CACUTO, J. F. **Angola pós-independente: implicações econômicas da herança colonial**. Economia & Pesquisa (Araçatuba), v. 03, p. 22-39, 2001.
- CASTILHO, Marco. **A nação Angolana à Deriva: Utopia e Distopia em Mayombe e Predadores, de Pepetela**. (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32308>
- CHIMANDA, Pedro Fernandes. **Do monopartidarismo à transição democrática em Angola**. (Mestrado em Filosofia Política) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2010. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/5306>
- DIAS, Sousa Mariana. **Transposições Metafóricas Na Escrita Metaficcional De Pepetela: Um Estudo De A Sul. O Sombreiro, A Gloriosa Família E Predadores** (Doutorado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11701>
- Entrevista de Pepetela à Correntes d'Escritas de 2008. Póvoa de Varzim, Porto, 2008. Disponível em: <https://www.cm-pvarzim.pt/territorio/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/correntes-d-escritas/correntes-d-escritas-2008/entrevistas-aos-escritores/entrevista-a-pepetela/>
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Serafim Ferreira, Transcrição de João Filipe Freitas, Editora Ulisseia, Lisboa, 1961.
- Federal Research Division Library of Congress. **Angola, a country study**. Edited by Thomas Colello, 1989. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/90003244/>
- FRANCISCO, Alberto Andrade Carvalho. **A política externa de Angola durante a guerra fria (1975-1992)** (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14727/1/2013_AlbertoAndreCarvalhoFrancisco.pdf

HALL, Stuart. **Quando foi o Pós-colonial? Pensando no limite.** In **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Organização de Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende...et all. Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MATA, Inocência. **Ficção e história na Literatura Angolana: O caso Pepetela.** Edições Colibri: Lisboa, 2010.

MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. **Memórias de um golpe: o 27 de Maio de 1977 em Angola.** (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/16051>

NUNES, Fernando José Matias. **A guerra civil angolana no contexto da Guerra Fria: da independência à guerra por procuração.** (Trabalho de Conclusão de Curso) - Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.mar.mil.br/handle/ripcmb/844872>

PEPETELA. **Predadores.** Edições Colibri: Lisboa, 2005

RIBEIRO, Maria Belém. **Alvalade ou Catambor? Entre o pósmoderno e/ou pós-colonial. Uma leitura da obra Predadores, de Pepetela.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 145-155, 2º sem., 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4373>

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidades.** In **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo, Cortez, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa., Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. Disponível em: http://wisley.net/ufrij/wp-content/uploads/2015/03/images_pdf_files_Pode_o_subalterno_falar-Spivak.pdf

Vidal, Nuno de Fragoso. **O MPLA e a governação: entre internacionalismo progressista marxista e pragmatismo liberal-nacionalista.** Estudos Ibero-Americanos, 42(3), 815–854, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2016.3.23461>